

CONÍMBRIGA: ESCAVAÇÕES DE 1988-89

1. ALGUMAS PRECISÕES SOBRE A CRONOLOGIA DO «BAIRRO INDÍGENA»

Ana Margarida Arruda*

*Em memória de Vergílio Correia,
que em 1912 escavou a camada pré-romana de Conímbriga.*

*«Passava por aqui uma estrada romana
mas o local já fora habitado pelos celtas.
O pastor que ali vai tem fome há três mil anos
Este cerro já viu mais de trezentas guerras»
(David Mourão - Ferreira, 1969: 41).*

1 – INTRODUÇÃO

Entre 1964 e 1971, uma equipa luso-francesa, dirigida por Jorge de Alarcão e Robert Etienne, levou a efeito na cidade romana de Conímbriga oito campanhas de escavações arqueológicas.

Tais campanhas permitiram a identificação de importantes níveis romanos, do Alto e Baixo Império, e puseram a descoberto estruturas do centro monumental (*forum* construído no reinado de Augusto, remodelado na época flaviana), das termas (augustanas, ampliadas no reinado de Trajano) e de habitações, as *insulae*.

Os resultados então obtidos, associados aos dispersos dados já existentes, possibilitaram a construção de um modelo evolutivo da história daquela cidade romana, entretanto publicado na excelente monografia que os sete volumes das *Fouilles de Conimbriga* constituem, sendo esta, ainda hoje, a única obra de referência da Arqueologia Clássica portuguesa (Alarcão e Etienne, 1974-1979).

Os trabalhos arqueológicos da década de 60 viriam, no entanto, a fornecer também dados sobre a ocupação humana de Conímbriga anterior ao Alto Império. Em vários sectores, foram identificadas estruturas habitacionais e encontrado espólio arqueológico que, em alguns casos, podiam relacionar-se, sem qualquer hesitação, com o povoamento da Idade do Ferro que teve lugar no largo e plano esporão calcário localizado junto à actual aldeia de Condeixa-a-Velha.

Estava assim plenamente confirmada a ocupação pré-romana de Conímbriga, que até aos anos 60 era apenas conhecida pelos materiais que Vergílio Correia recolhera sob a muralha, na curta campanha de 1912 (Correia, 1916).

As escavações luso-francesas revelaram vestígios da ocupação da Idade do Ferro em duas áreas. No *forum* e nas termas, foram detectados paredes e pavimentos pertencentes a habitações que seriam associados, pelos directores das *Fouilles de Conimbriga*, à camada pré-romana identificada por Vergílio Correia. Considerados, na totalidade, parte integrante de um conjunto

* Investigadora da UNIARQ (Unidade de Arqueologia). Centro de Arqueologia e História (Instituto Nacional de Investigação Científica), Faculdade de Letras, P-1699 Lisboa Codex, Portugal

urbanístico celta, pertenceriam ao nível mais antigo (escavações luso-francesas, Alarcão e Etienne, 1977: 25).

Este urbanismo teria, em parte e durante alguns anos, sobrevivido à romanização do antigo *oppidum*. Assim, no sector das termas, enquanto alguns compartimentos pertencentes a habitações teriam sido destruídos pelas construções augustanas (*ibid.*: 20-21, 182), outros, mais concretamente os localizados na palestra das termas de Trajano, cuja "...date de son installation pourrait ne pas être très antérieure au tournant de l'ère...", seriam abandonados apenas na época de Claudio/Nero (*ibid.*: 21-23, 187-189, cit. p. 187).

As habitações na área do *forum* tiveram também sorte diversa aquando da implantação do urbanismo regular no reinado de Augusto.

Restos de paredes e pavimentos encontrados sob o lajeado da praça, e na área da basílica e cúria, provavam a existência de construções anteriores, demolidas pelo *forum* augustano. Atrás do templo, um conjunto de compartimentos que definiam o "bairro da esplanada do templo flaviano" sobreviveria, no entanto, até ao momento das grandes renovações dos Flávios (*ibid.*: 17-20, 181-182, 185-187).

As casas do bairro localizado na esplanada do templo flaviano não foram objecto de escavações sistemáticas durante as campanhas luso-francesas, tendo sido, de algum modo, "reservadas" para futuras escavações, destinadas especificamente ao estudo da Idade do Ferro de Conímbriga (Alarcão, 1975: 42).

Em 1988, iniciei escavações arqueológicas em Conímbriga, concretamente nas habitações da esplanada do templo flaviano e no "bico" da muralha. Estes trabalhos, integrados num projecto de investigação que visa o estudo da Idade do Ferro Orientalizante no Centro/Sul de Portugal, forneceram já abundantes informações sobre a ocupação pré-romana do sítio, nomeadamente a calcólítica (no "bico" da muralha) e a da Idade do Ferro.

Mas permitiram, também, obter dados que ajudam a precisar a cronologia da construção das habitações postas a descoberto no sector do *forum* pelas escavações dos anos 60.

Deixando para estudo posterior os resultados obtidos sobre a ocupação mais antiga do sítio (calcólítica e da Idade do Ferro), divulgamos aqui, em primeira mão, os dados que as nossas escavações ofereceram e que, pensamos, redefinem a cronologia do "bairro" localizado atrás do templo augustano.

2 - AS HABITAÇÕES DA ESPLANADA DO TEMPLO

O "bairro" localizado na esplanada do templo flaviano compõe-se de habitações cujos compartimentos possuem planta rectangular ou sub-rectangular. Foram construídas ao longo de duas ruas, alinhando-se-lhes perpendicularmente.

As ruas, que têm uma orientação Noroeste/Sudeste e Nor-nordeste/Sud-sudoeste e uma largura de 4.75 m. e 2.80/3 m., respectivamente, não se cruzando em ângulo recto, formam entre si, no entanto, um ângulo de 75 graus (Alarcão e Etienne, 1977: 17-20). Bem niveladas, não eram pavimentadas simplesmente com terra batida, mas misturando-se com a terra numerosos seixos rolados, fragmentos de tufo calcário e ainda fragmentos cerâmicos (*ibid.*: 18-19).

As habitações possuem paredes com espessuras que variam entre 50 e 38 cm. e cuja altura conservada varia entre 60 e 70 cm.. Os muros foram construídos com blocos de tufo, bem talhados alguns, ligados por terra. Os blocos de maiores dimensões localizam-se na base dos muros, assentando por vezes numa camada de pequenas pedras e seixos. Os solos das habitações eram de terra compactada. As lareiras identificadas eram na generalidade constituídas por uma camada de fragmentos cerâmicos. Pelo menos em dois casos, incluem tijolos justapostos (*ibid.*: 19-20).

Os autores do 1.º volume das *Fouilles de Conímbriga* não puderam deixar de realçar a regularidade do urbanismo neste sector, que apresenta um evidente geometrismo (apesar da não ortogonalidade do seu traçado), com casas implantadas ao longo de ruas clara e coerentemente traçadas (*ibid.*: 25).

Este urbanismo de influência mediterrânica, que segundo aqueles autores testemunha uma organização vigorosa da vida urbana, seria posterior às habitações que, dispersas e sem qualquer vestígio de organização, se encontraram no sector das termas (*ibid.*: 20-23; 1979: 251).

Este *habitat* foi abandonado apenas no período flaviano e era, no entanto e ainda segundo os autores, solidário com aquele outro expropriado e demolido no reinado de Augusto,

testemunhado pelos muros e solos encontrados sob as lajes da praça e na basílica e cúria do *forum* augustano.

O *habitat* da esplanada do templo flaviano, com um urbanismo regular e cuidado, existiu assim durante o período julio-claudiano, tendo sido pois “respeitado” pelo urbanismo augustano, que “...s’articule avec lui en construisant un escalier et un cryptoportique de façade qui facilite les communications entre le forum et l’habitat de l’Age du Fer” (Alarcão e Etienne, 1977: 15). Segundo Alarcão e Etienne este *habitat* teria sido construído numa fase final da II Idade do Ferro, numa época em que o antigo *oppidum* organizou a sua vida urbana em função das influências mediterrânicas, ou seja: numa fase pré-augustana (*ibid.*:25).

As campanhas dos anos 60 neste sector limitaram-se, como já dissemos, à definição geral da planta do *habitat*, tendo-se para tal procedido à escavação das duas ruas (e dos compartimentos das habitações que o constituem) até aos seus pavimentos originais. O espólio recolhido nesta escavação permitiu integrar este *habitat* no VI Horizonte Cronológico de Conímbriga: “OCCUPATION DE L’HABITAT INDIGÈNE DÉCOUVERT DANS L’ESPLANADE DU TEMPLE FLAVIEN” (*ibid.*: 187).

Importa referir o aparecimento neste “horizonte cronológico” de:

1. cerâmicas de fabrico manual;
 2. cerâmicas cinzentas finas polidas, fabricadas ao torno;
 3. duas fíbulas datáveis dos finais do século I a. C. e do I d. C.;
 4. um fragmento de cerâmica campaniense da forma 2 de Lamboglia.
- (*ibid.*: 186-187 e Estampa CVII).

O conjunto de materiais que, conjuntamente com as estruturas de *habitat*, permitiu definir o “horizonte cronológico VI” merece-nos desde já um primeiro comentário: a sua relativa uniformidade cronológica. Se o compararmos com os exumados nos outros “*habitats* indígenas” reconhecidos na basílica, na cúria e na palestra das termas de Trajano, e que correspondem respectivamente aos “horizontes cronológicos” I (“*Occupation finale de l’habitat préaugustéen, exproprié et demoli par le forum Augustéen*”), VII (“*Occupation de l’habitat indigène dans la zone de la palestre des thermes trajaniens*”) e VIII (“*Abandon de l’habitat indigène dans la zone de la palestre des thermes trajaniens*”), essa uniformidade torna-se ainda mais evidente. De facto, estes “horizontes cronológicos” comportam espólios de amplo espectro diacrónico, mais concretamente do século VII a. C. ao primeiro I d. C., nomeadamente:

1. “HORIZONTE CRONOLÓGICO” I (correspondente à ocupação final do *habitat* pré-augustano expropriado e demolido pelo *forum* Augustano) - lucerna tardo-republicana, vasos de fabrico manual com bordos denteados, ânfora fenício ocidental com bandas de engobe vermelho (*ibid.*: 181-182; Estampa CV);

2. “HORIZONTE CRONOLÓGICO” VII (correspondente à ocupação do *habitat* indígena na zona da palestra das termas de Trajano) - *terra sigillata* itálica e sud-gálica, cerâmica de paredes finas do século I, e cerâmica “indígena” (*ibid.*: 187; Estampa CVII);

3. “HORIZONTE CRONOLÓGICO” VIII (correspondente ao abandono do *habitat* indígena da palestra das termas de Trajano) - denário republicano de 82/81 a. C., moedas dos reinados de Tibério e Claudio, cerâmica cinzenta fina polida de época imperial, *terra sigillata* itálica e sud-gálica, cerâmica pintada em bandas policromas da I Idade do Ferro, pratos e taças de engobe vermelho fenício-ocidental da I Idade do Ferro, cerâmica estampilhada da II Idade do Ferro, fíbulas (La Tène III, Aucissa, Nauein, mas também tipo Alcores e Bencarrón) (*ibid.*: 188-190; Estampas CVIII e CIX).

O próprio “Horizonte Cronológico III”, que corresponde à “*construction du forum Augustéen*”, foi definido por um conjunto de materiais arqueológicos de várias épocas e de distintas filiações culturais, a saber:

1. denário de 91/83 a. C.;
2. *terra sigillata* itálica;
3. ânforas Dressel 1 e Vindonisa 586;
4. fíbulas de tipo Bencarrón (650-600 a. C.), Acebuchal (de finais do século VII a inícios do século VI a. C.), La Tène I (século IV-II a. C.), Cuadrado 4a (século V a. C.) e Schule 4h (século IV a. C.);

5. cerâmicas fenício-ocidentais, pintadas com bandas policromas e da I Idade do Ferro;
6. cerâmicas de engobe vermelho da I Idade do Ferro;
7. cerâmicas pintadas ibéricas da II Idade do Ferro;
8. cerâmicas manuais com bordos denteados, de tradição do Bronze Final;
9. cerâmicas cinzentas finas polidas fabricadas manualmente ou torneadas (*ibid.*: 183-185, Estampas CV, CVI e CVII).

Apesar de ser possível reconhecer algumas cerâmicas mais antigas, talvez da I Idade do Ferro, no "horizonte cronológico" VI, o espólio arqueológico recolhido no "bairro da esplanada do templo de flaviano" durante as escavações dos anos 60 apresenta, como já referimos, uma maior homogeneidade cronológica e cultural, apontando para uma datação centrada nos finais do século I a. C. e inícios do I d. C..

De facto, para as fíbulas (La Tène III e Lerat II A, Thill 108/111) parece ser aceitável a atribuição de uma cronologia do último quartel do século I a. C., mesmo que a do tipo Lerat II A "à charnière et arc triangulaire" possa ser já dos primeiros anos do século I d. C. (Alarcão e Ponte, 1979: 116 e 119, Estampa XXVI-40 e XXVII-50). O fragmento de bordo de cerâmica campaniense pertencente à forma 2 de Lamboglia integra-se no tipo H de Conímbriga (Delgado, 1976: 22, 24, Estampa IV-19). O seu local de fabrico deve localizar-se em Calés de cujas oficinas foram exportadas as cerâmicas campanienses da classe "B-óide" (Morel, 1978: 162), onde, pensamos, se podem integrar as produções de tipo H de Conímbriga. Para esta peça é igualmente de aceitar uma cronologia da segunda metade do séc. I a. C., mais concretamente dos últimos anos do seu terceiro quartel. A ânfora romana proveniente deste "horizonte cronológico" (Alarcão, 1976: 88, Estampa XXII-55), a pertencer, como supomos, ao tipo Haltern 70, não destoaria num ambiente dos finais do século I a. C. e dos inícios do I d. C., apesar da sua datação poder recuar aos anos 60/50 a. C. e avançar até 50 d. C.

3 - AS ESCAVAÇÕES DE 1988 E 1989

3.1. - Meios técnicos e humanos

Os trabalhos arqueológicos de 1988 decorreram de 88.03.28 a 88.04.19. Os de 1989 repartiram-se por duas campanhas. A primeira teve lugar entre 89.03.19 e 89.04.01 e a segunda entre 89.10.18 e 89.10.28.

As escavações foram subsidiadas pelo IPPC. Contaram com o apoio técnico do então Serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro e do Museu Monográfico de Conímbriga e apraz-me salientar a amabilidade e disponibilidade que os funcionários de ambas as instituições sempre me dispensaram. A José Beleza Moreira, devo agradecer o excelente apoio concedido enquanto Director do Serviço regional de Arqueologia da Zona Centro.

Participaram nos trabalhos José Carlos Caetano, os drs. Helena Frade, Luis Jorge Gonçalves, Maria da Conceição Lopes (na 1ª Campanha) e alunos do curso de História, variante de Arqueologia, das Faculdades de Letras de Lisboa e Coimbra.

José Carlos Caetano, que comigo colaborou desde o primeiro momento e em ambas campanhas, prestou-me uma valiosa e indispensável ajuda, que aqui registo e agradeço. Um vivo agradecimento é também devido a Helena Frade pelo apoio e amabilidade sempre dispensados à equipa de Lisboa.

Finalmente, gostaria de manifestar a Adília Alarcão o meu profundo reconhecimento pelo apoio e incentivo constantes e pelo interesse que sempre teve pelo meu trabalho. Esteve sempre disponível, pronta a ceder-me toda a informação sobre as escavações anteriores, demonstrando-me compreensão e amizade.

3.2. - Metodologia

Na escavação do sector do "bico da muralha" (cujos resultados não são objecto do presente estudo), foi possível utilizar a metodologia preconizada por Wheeler, com as adaptações que Ferdière introduziu. Na esplanada do templo flaviano, porém, a escavação teve de adaptar-se aos condicionalismos impostos pelo facto de se tratar de uma área que já tinha sido objecto de trabalhos anteriores, para além do facto de as estruturas de *habitat* se encontrarem definidas.

Estávamos aqui também condicionados pela necessidade de deixar protegidos alguns pavimentos especialmente bem conservados, postos a descoberto durante as campanhas de 64-71.

Não era viável, assim, a realização de uma escavação "clássica" (do ponto de vista metodológico). A nossa opção foi, quando possível, a escavação integral dos compartimentos. Todavia, quando a preservação de alguns solos se impôs, efectuámos cortes no interior dos mesmos compartimentos, nas áreas onde poderíamos obter uma maior potência de terras e, portanto, uma leitura estratigráfica o mais completa possível, respeitando sempre a quadrícula geral da estação.

Os sectores escavados na área do *forum*, como aliás os do "bico" da muralha, foram integrados na quadrícula geral do sítio, e naturalmente adoptámos os sistemas de referência e nomenclatura (sectores, quadrados e compartimentos) utilizados nas escavações luso-francesas (Alarcão e Etienne, 1977: 173-177; Est. LVI). Importa referir que os "quadrados" a que nos referimos não o são realmente, mas devem entender-se como a parte deles que, no interior dos compartimentos, é contida pelos quadrados teóricos de 5x5m. que compõem a malha da quadrícula geral da estação.

3.3. - A escavação de 1988 no "bairro da esplanada do templo flaviano"

As escavações de 1988 no "bairro da esplanada do templo do *forum* flaviano" incidiram sobre os compartimentos 2, 3 e 7 que estão incluídos no sector G XIII (*ibid.*). Esta opção foi determinada pelo facto de nos restantes ser visível, em quase toda a sua área, o tufo calcário que representa a rocha de base, estando portanto escavados quase integralmente.

Nos compartimentos 2 e 3 (que integram os quadrados 39 e 40 deste sector), efectuámos duas sondagens perpendiculares à parede que os separa e paralelas às suas paredes. Este (fig. 2).

Limpa a área da sondagem no interior dos compartimentos 2 e 3, verificámos que a escavação dos anos 60 tinha atingido a primitiva pavimentação destes compartimentos.

De facto, a escavação do nível 1, pouco espesso e composto por terras compactas e de cor castanho claro acinzentado (Munsell 10 YR 7/2), permitiu verificar que a parede divisória entre os compartimentos 2 e 3, e que é, evidentemente, comum a ambos, não se prolongava em profundidade. Assim, podíamos desde logo considerar que este nível 1 era claramente anterior à construção daqueles compartimentos.

A progressão dos trabalhos em profundidade possibilitou ainda a escavação dos níveis 2 e 3. O nível 2, com uma espessura variando entre os 9 e os 30 cm., compunha-se de terra pouco compacta, de grão fino, e possuía uma coloração castanho acinzentado escuro (Munsell 10 YR 3/1). Estas terras misturavam-se, por vezes, com cinzas e alguns carvões. Uma lareira de estrutura semi-circular, construída com pedras de pequenas dimensões, foi definida na base deste nível.

Com uma espessura máxima de 50 cm., o nível 3 compunha-se de terras compactas amareladas (Munsell 7.5 YR 7/8), de grão médio. Este nível 3 assentava sobre o tufo calcário, que aqui aparece afeiçoado, definindo uma fossa larga, côncava, com uma profundidade máxima de 60cm., e que possui de comprimento 6,40 m.. As terras encontradas no seu interior pertencem ao nível 3.

A escavação neste sector não possibilitou assim a obtenção de quaisquer dados sobre a ocupação do "bairro" uma vez que os 3 níveis detectados, que totalizam cerca de 1.10m., lhe são claramente anteriores (fig. 3). Adiantamos, no entanto, que a totalidade da informação recolhida nestes três níveis se reporta à Idade do Ferro.

O compartimento nº 7 integra os quadrados 20 e 24 do mesmo sector G XIII. Durante os trabalhos de 1988 escavou-se, neste compartimento, um nível de terra compacta, de grão fino, de diversas tonalidades laranja-tijolo, e que designámos por nível 1. Corresponde à ocupação do compartimento. Do espólio aqui recolhido destacamos:

1. fragmento de lucerna de forma indeterminada, mas cuja decoração e engobe apontam para os últimos anos do século I a.C. ou inícios do I d. C.;
2. peso de tear de forma paralelepípedica, de secção rectangular e com dois orifícios de suspensão. Foi recolhido na base deste nível, encostado às pedras que constituem a primeira fieira da parede Sul deste compartimento. É muito semelhante ao encontrado durante as escavações de 1968 neste mesmo sector (Alarcão e Ponte, 1979: 65, Estampa LXIII-5);
3. na base do nível 1, *tegulae* e *imbrices*, aparentemente *in situ*.

O nível 2, apenas detectado em G XIII 20, apareceu bem definido e delimitado junto à parede do criptopórtico flaviano. A sua formação deve-se ao enchimento da vala de construção do referido criptopórtico. É naturalmente posterior ao nível 1, onde aliás se introduz.

3.4. - *Comentários à campanha de 1988 no "bairro da esplanada do templo flaviano"*

Apesar de curta e limitada no espaço, a campanha que em 1988 dirigi no "bairro da esplanada do templo flaviano", merece alguns comentários prévios.

Parece agora inquestionável que o "bairro" construído atrás do templo augustano *não corresponde à primeira ocupação do sítio de Conímbriga*. Com efeito, a escavação dos compartimentos 2 e 3 revelaria três níveis de ocupação que, totalizando cerca de 1 m. de profundidade, são claramente anteriores à construção das paredes que os limitam.

Os trabalhos no compartimento 7, que possibilitaram a escavação de níveis correspondentes à sua ocupação, levantaram problemas interpretativos de vária ordem. Não nos ficaram dúvidas do funcionamento pleno das casas durante o reinado de Augusto, podendo mesmo admitir-se, apesar da ausência de espólio datável do segundo quartel do século I d. C., que tenham sido apenas desactivadas no momento da reconstrução flaviana.

A vala de construção do criptopórtico flaviano, identificada em G XIII 24 (nível 2 do compartimento 7), parece indicar que o "bairro" teria estado habitado até ao fim da época julio-claudiana, confirmando-se assim, para este ponto, os dados obtidos durante as escavações luso-francesas (Alarcão e Etienne, 1977: 25).

O aparecimento de espólio romano na base do nível que corresponde à ocupação do compartimento n.º 7, nomeadamente material de construção com cronologias que apontam para a fase inicial do império, parece confirmar algumas observações de Alarcão e Etienne, concretamente quando estes autores admitem que o *habitat* cuja evidência se encontrou sob a praça, basílica e cúria do *forum* augustano, possa ter sido abandonado nos inícios do reinado de Augusto (*ibid.*: 181).

3.5. - *A escavação de 1989 no "bairro da esplanada do templo flaviano"*

Os trabalhos de 1989 incidiram sobre o compartimento n.º 7, tendo sido completada a escavação dos quadrados 20 e 24 do sector G XIII, iniciada, mas não concluída, em 1988. Escavámos de seguida o quadrado 19, inserido neste mesmo compartimento e integrado no mesmo sector G XIII. A localização deste último quadrado (19), encostado a Norte à parede do criptopórtico flaviano e aos quadrados 20 e 24, a Sul e a Este, respectivamente, dificultava a leitura e interpretação estratigráfica se a escavação se realizasse em toda a sua área útil, ou seja na totalidade da superfície deste quadrado que se insere no compartimento n.º 7.

Optou-se assim pela marcação de duas *banquettes*, cada uma com um metro de largura, a Sul e a Este, a última das quais foi escavada ainda durante esta campanha.

A conclusão da escavação de G XIII 20 e 24 permitiu observar a existência de níveis anteriores às paredes que definem o compartimento, tendo sido aqui detectada uma sequência de três pavimentos em barro cozido. O segundo deles era decorado com círculos impressos, de 7.2 cm. de diâmetro. É em tudo idêntico ao encontrado, na área da basílica augustana, durante as escavações luso-francesas. Recordar-se que foi considerado como pertencente ao "horizonte cronológico" I, ou seja correspondente a uma fase imediatamente anterior à construção do primeiro *forum* de Conímbriga (*ibid.*: 20, nota 3).

O pavimento agora localizado no compartimento n.º 7 é, arqueologicamente, a base de um nível arqueológico claramente anterior à edificação do "bairro", podendo facilmente observar-se que as paredes do compartimento em análise são construídas sobre os cerca de 20 cm. de terras acumuladas sobre o referido pavimento (fig. 2, Estampa IV).

A escavação de G XIII 19 viria a mostrar uma estratigrafia em tudo semelhante à observada nos outros quadrados do compartimento, sendo visível a vala para a construção do criptopórtico flaviano (nível 2), a terra alaranjada tijolo que constitui o nível 1, e que corresponde à ocupação do compartimento. Sob este nível, identificaram-se camadas de terra correspondentes à ocupação deste sector e anteriores à construção do "bairro".

Quanto ao espólio, o nível 1 de G XIII 19 continuou a oferecer material de construção romano, nomeadamente *tegulae* e *imbrices* e cerâmicas cinzentas finas polidas de época alto-imperial.

4 – OBSERVAÇÕES FINAIS

Os dados obtidos na campanha de 1989 não vieram alterar as observações formuladas no final dos trabalhos de 1988.

Foi assim confirmado que as habitações construídas na esplanada do templo flaviano *não correspondem à ocupação humana mais antiga de Conímbriga*, mesmo neste sector, onde as escavações luso-francesas pareciam ter demonstrado que “...les sols des cases reposent sur le tuf...” (*ibid.*: 25).

De facto, tanto nos compartimentos 2 e 3 como no 7, encontrámos níveis claramente anteriores à construção do “bairro”.

Afinal, o que os espólios pareciam já indiciar, a não simultaneidade da utilização de materiais com cronologias desde o século VII a. C. ao século I d. C., ficou agora comprovado. O que os trabalhos que dirigi em Conímbriga parecem demonstrar é que os materiais integrados nos “horizontes cronológicos” I, III, VI e VIII pertencem a diversos níveis arqueológicos, correspondendo assim a outras tantas “formas de viver” e de habitar o esporão de Condeixa-a-Velha, não fazendo parte de um todo cronologicamente uniforme.

Ambas campanhas revelaram, também, evidências do carácter romano da ocupação do “bairro”.

A escavação de 1989 permitiu obter dados que tornam difícil considerar solidárias as construções destruídas pela construção do *forum* augustano e as encontradas atrás do templo do mesmo *forum*, ou seja as que se localizam na esplanada do templo flaviano.

De facto, se o pavimento de barro cozido decorado com círculos impressos, encontrado nas escavações luso-francesas na área da basílica do *forum* augustano, corresponde à última fase de ocupação de um *habitat* destruído no reinado de Augusto (“horizonte cronológico” I), *então as habitações construídas atrás do templo augustano são posteriores àquele habitat*. E isto porque ficou claramente provado, durante as campanhas de 1989, a não contemporaneidade da construção do compartimento nº 7 e do pavimento de barro cozido com círculos impressos encontrado no mesmo compartimento. Recordamos que esse pavimento se encontrava em nível claramente anterior às paredes desta habitação.

Este dado, somado aos materiais romanos, nomeadamente aos de construção, encontrados no interior dos compartimentos escavados e pertencentes a níveis que correspondem à sua primeira ocupação, permitem-me sugerir que o “bairro” *foi construído já durante o reinado de Augusto*, talvez imediatamente antes da construção do primeiro *forum*, exactamente num momento em que chegaram a Conímbriga as primeiras populações provenientes de regiões peninsulares mais romanizadas.

O urbanismo que caracteriza o “bairro da esplanada do templo flaviano” não é aliás inédito em sítios romanizados do actual território português. Os paralelos mais evidentes encontram-se no Castro de Romariz, no NW, e no povoado do Pedrão, na Península de Setúbal.

No primeiro dos casos, “...um conjunto de construções celulares de plantas rectangulares com paredes comuns...” cujo “...agrupamento (...) e posicionamento mais ou menos ortogonal, facilitaria a cobertura de tegula e imbrex cuja utilização se documenta...” foi construído na fase III B da “cultura castreja”, tendo sido utilizado durante a primeira metade do século I d. C., mais concretamente até à época flaviana (Silva, 1986: 51-53, Estampas XXI-XXIII).

Tal como em Conímbriga, os aparelhos dos muros que constituem os compartimentos da fase III do Castro de Romariz são sólidos e apresentam os ângulos externos bem marcados. A cobertura é de *tegula* e *imbrex*, e os pisos são de barro. (*ibid.*)

No povoado do Pedrão, as estruturas habitacionais de planta rectangular foram detectadas em nível tardo-republicano (Soares e Silva, 1973).

REFERÊNCIAS

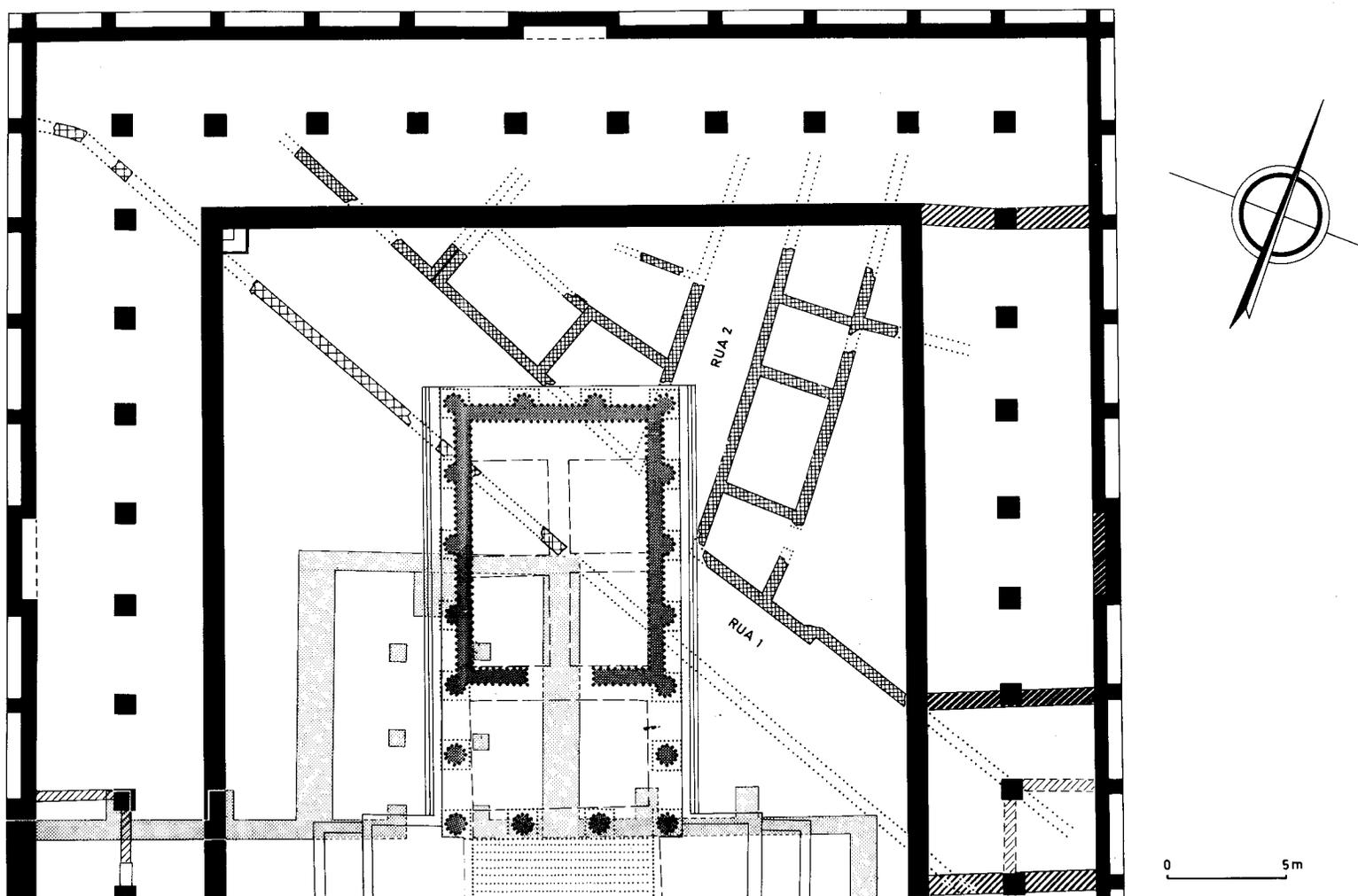
Abreviaturas:

Arch. Port.: *Archeologo Português*, I Série.

MAFP: *Mission Archéologique Française au Portugal*

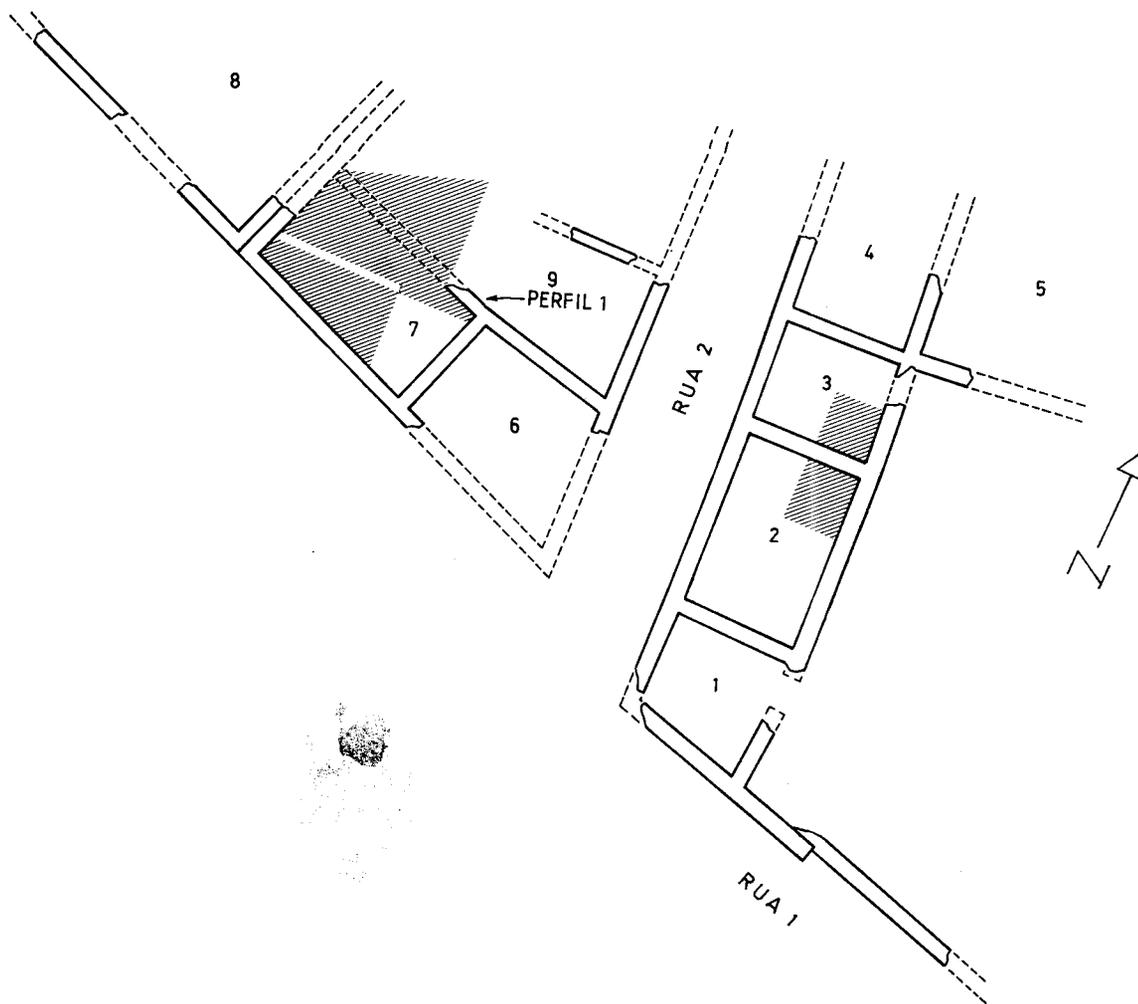
MMC: *Museu Monográfico de Conímbriga*

- Alarcão, Adília Moutinho e Salete da Ponte, 1979, Les métiers et leur outillage, *Fouilles de Conimbriga VII, Trouvailles Divers. Conclusions Générales*: 13-84, Paris: MAFP e MMC
- Alarcão, Adília Moutinho e Salete da Ponte, 1979, Fibules et bijoux divers, *Fouilles de Conimbriga, VII, Trouvailles Divers. Conclusions Générales*: 109-142, Paris: MAFP e MMC
- Alarcão, Jorge, 1975, *Fouilles de Conimbriga V, La Céramique Commune Locale et Régionale*, Paris: MAFP e MMC
- Alarcão, Jorge, 1976, Les Amphores, *Fouilles de Conimbriga VI, Céramiques Diverses et Verres*: 79-91, Paris: MAFP e MMC
- Alarcão, Jorge e Robert Etienne (Direcção), 1974-1979, *Fouilles de Conimbriga*, 7 volumes, Paris: MAFP e MMC
- Alarcão, Jorge e Robert Etienne, 1977, *Fouilles de Conimbriga, I, L'architecture*, Paris: MAFP e MMC
- Alarcão, Jorge e Robert Etienne, 1979, Urbanisme, société, économie, *Fouilles de Conimbriga VII, Trouvailles Diverses. Conclusions Générales*: 207-274, Paris: MAFP e MMC
- Correia, Vergílio, 1916, Conimbriga. A camada pre-romana da cidade (Notas de uma exploração de dez dias em Condeixa-a-Velha), *O Arch. Port.*, XXI: 252-264, Lisboa, Imprensa Nacional
- Delgado, Manuela, 1976, Céramiques campaniennes et de type campanien, *Fouilles de Conimbriga VI, Céramiques divers et Verres*: 21-26, Paris: MAFP e MMC
- Morel, Jean Paul, 1978, A propos des céramiques campaniennes de France et d'Espagne, *Archeologie en Languedoc*, 1: 149-168, Sete: Fédération Archeologique de l'Herault
- Mourão-Ferreira, David, 1969, *Ruínas Romanas*, (Lira de Bolso: 41), Lisboa: publicações D. Quixote.
- Silva, Armando C. Ferreira, 1989, *A cultura castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira: Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins
- Soares, Joaquina e Carlos Tavares da Silva, 1973, Ocupação do período proto-romano do povoado do Pedrão, *Actas das II Jornadas Arqueológicas*, Vol. I: 245-306, Lisboa: Associação dos Arqueólogos portugueses

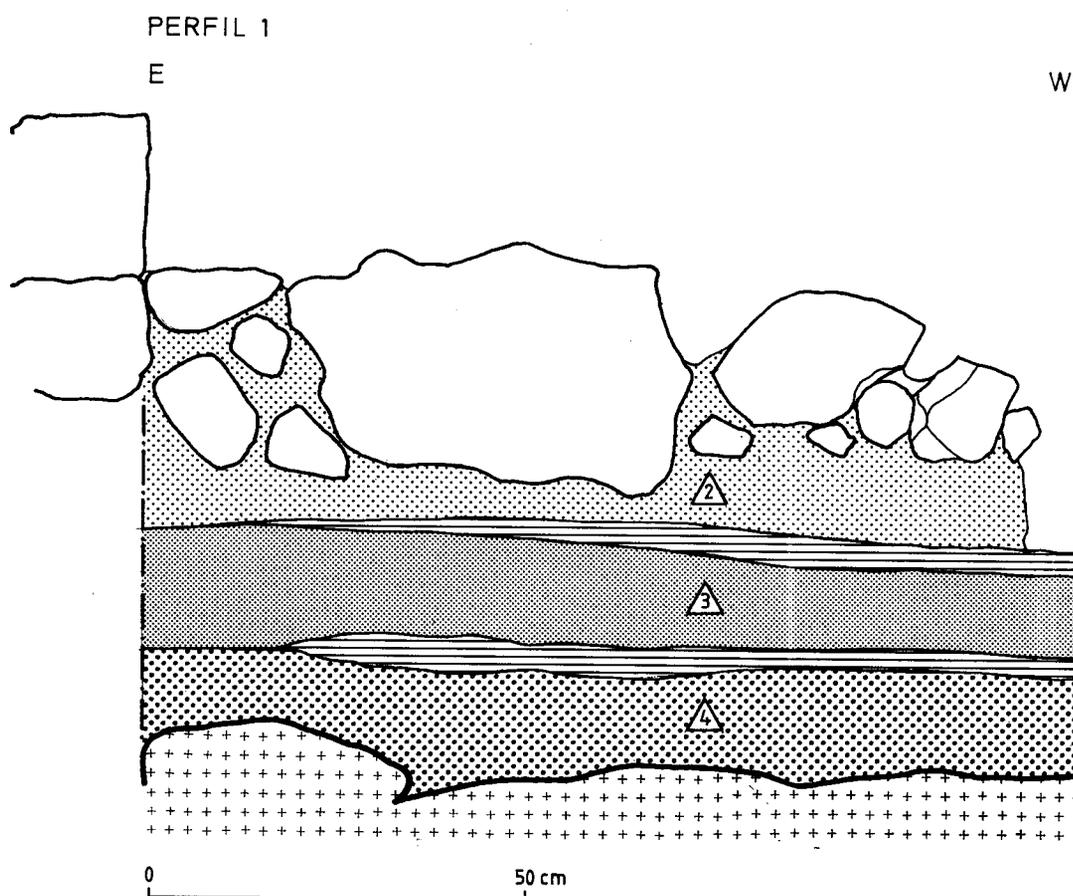


A área monumental de Conímbriga. Os dois *fora* e o «Bairro da esplanada do templo flaviano» segundo Alarcão e Etienne (1977).

Fig. 2

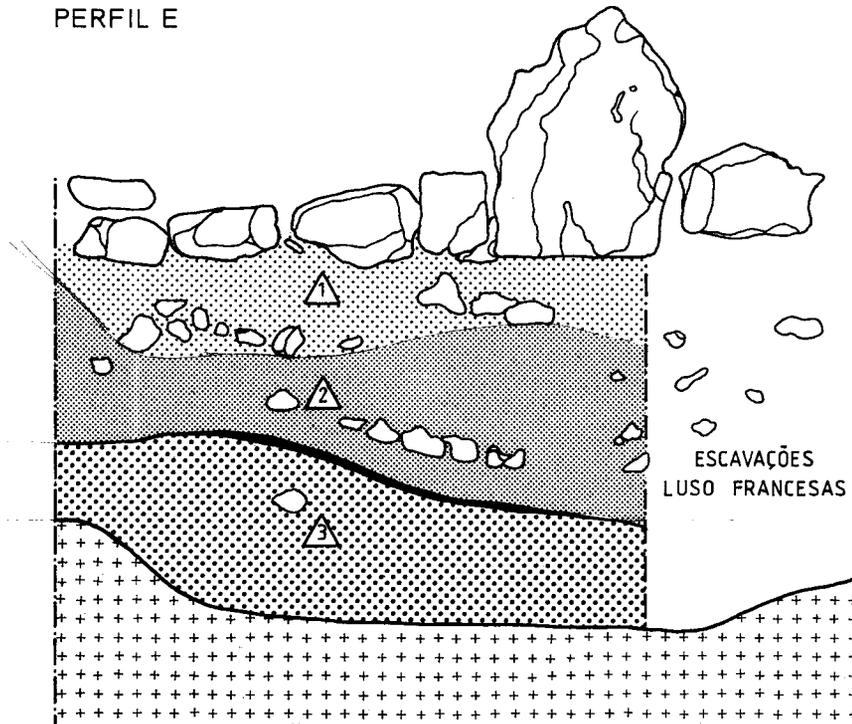


1: O «bairro da esplanada do templo flaviano», indicando-se a tracejado as áreas onde incidiram as intervenções de 1988 e 1989.

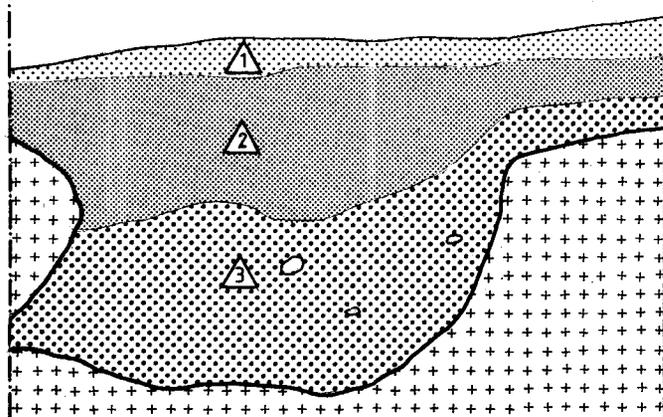


2: Leitura estratigráfica do perfil 1 após limpeza de área escavada nos anos 60.

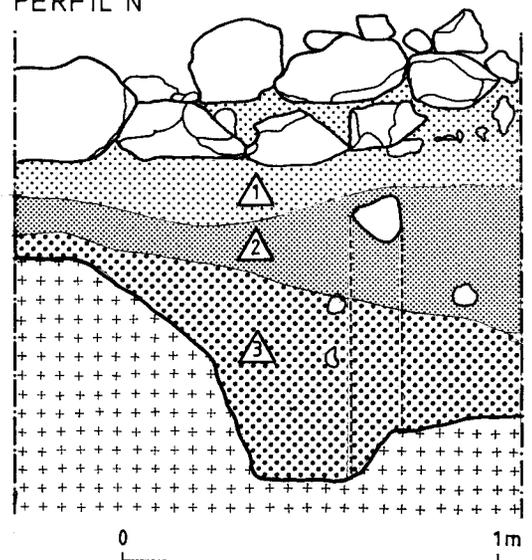
PERFIL E



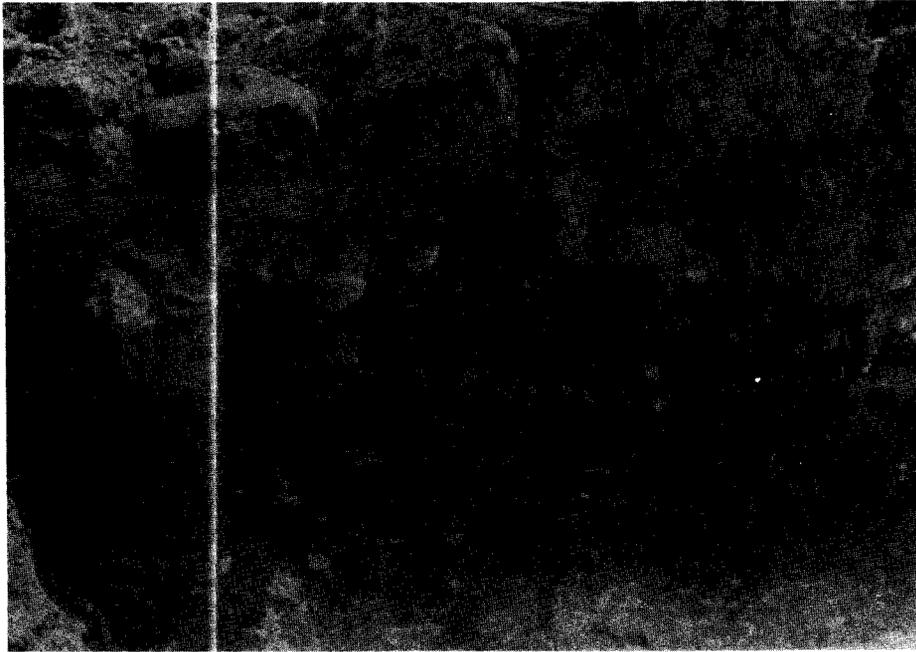
PERFIL W



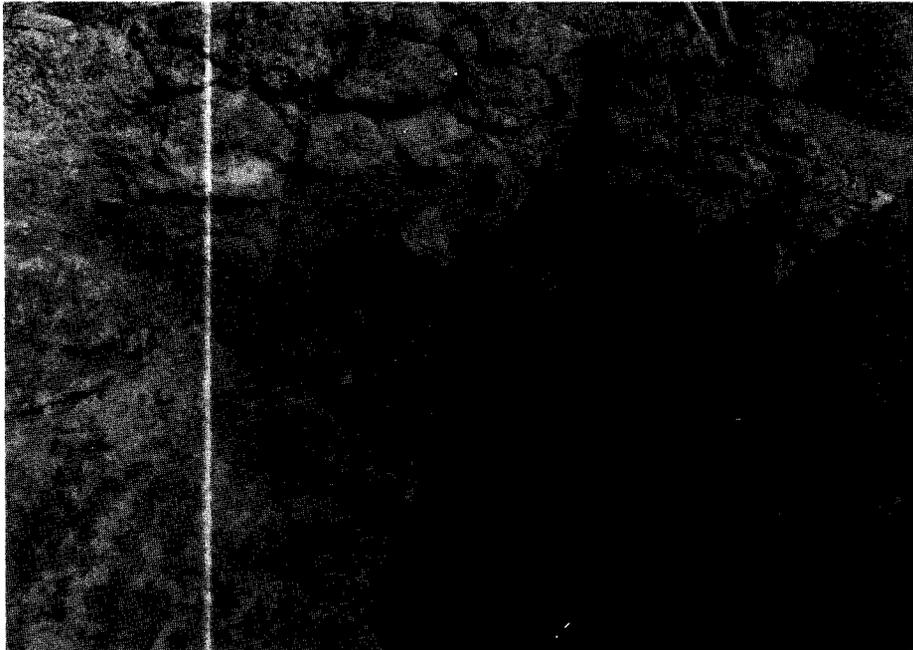
PERFIL N



Leituras estratigráficas do compartimento 2.

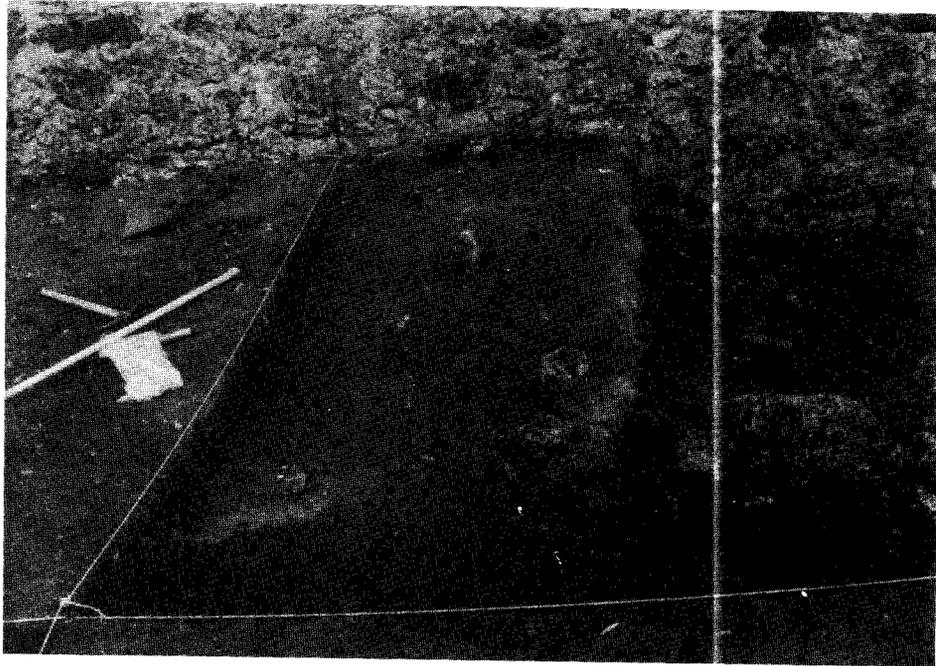


1.

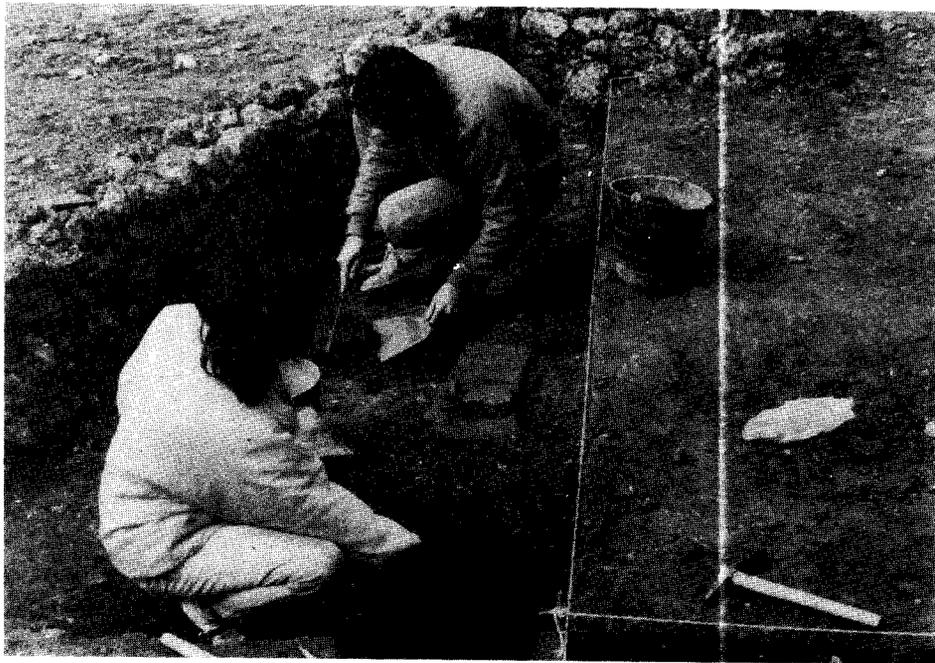


2.

Estratigrafias obtidas no compartimento 2. 1: Perfil Este. 2: Perfil Norte.

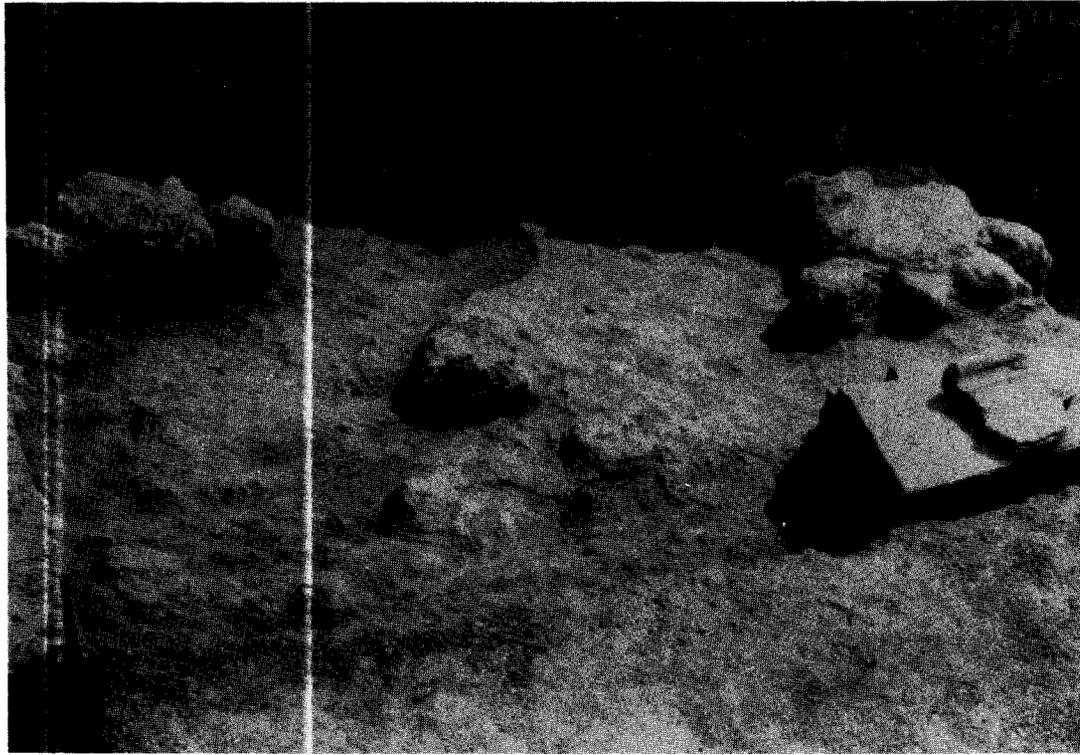


1.



2.

Dois aspectos da escavação no compartimento 7.

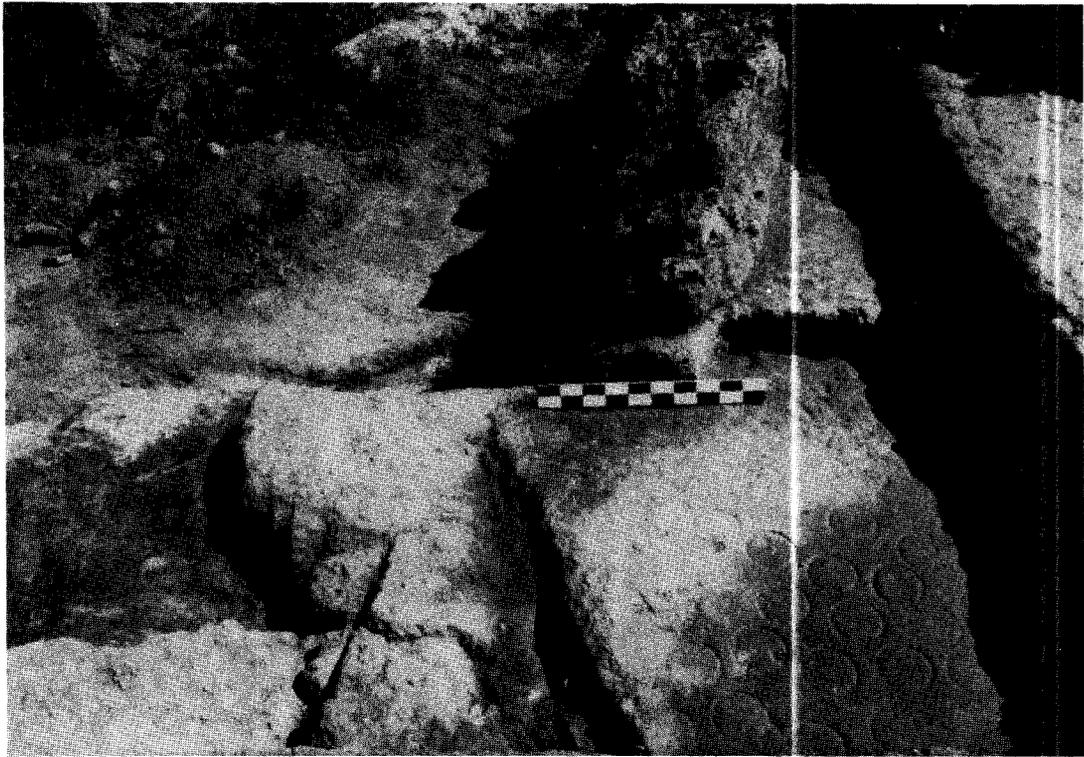


1.

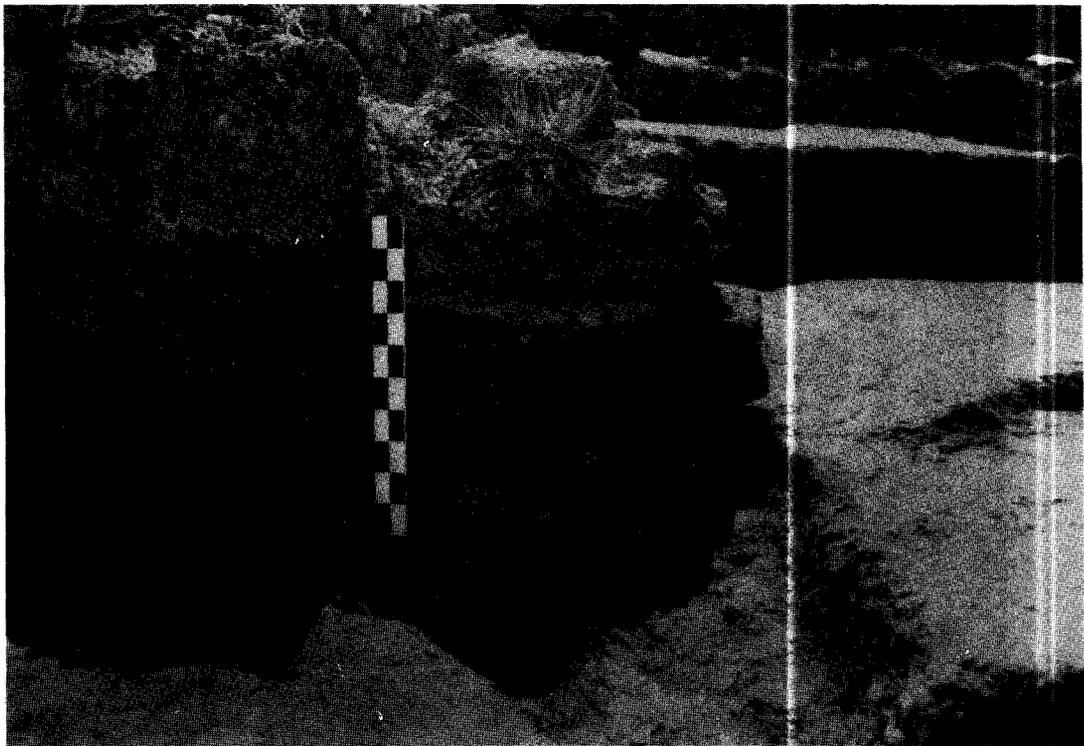


2.

Compartimento 7. 1: *tegulae in situ*. 2: Pavimento com círculos impressos, sendo visível o seu posicionamento estratigráfico relativamente à parede do compartimento.



1.



2.

Compartimento 7. 1: Pormenor do pavimento com círculos impressos e a sua posição em relação à parede do compartimento. 2: Estratigrafia obtida no exterior do compartimento após limpeza de área escavada nos anos 60, sendo evidente a anterioridade do pavimento dos círculos impressos em relação à parede do compartimento